



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

AS CARTAS EM “CORREIO DA ROÇA” (1913) E “CLARISSA” (1933): A DIMENSÃO EDUCATIVA DO IMPRESSO

Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco Pinto¹

Michele Ribeiro de Carvalho Cassano²

Nathalia Araújo Duarte de Gouvêa³

Neste estudo examina-se a dimensão educativa dos romances “Correio da Roça” (1913), de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), e “Clarissa” (1933), de Erico Veríssimo (1905-1975), a partir da observação da escrita epistolar contida nos impressos. Neste sentido, busca-se contemplar não apenas a notória atuação de Júlia Lopes de Almeida e Erico Veríssimo na literatura da primeira metade do século passado, mas também as estratégias narrativas por eles utilizadas na elaboração dos romances. Para tal, estabelece-se diálogo com os estudos de Telles (2012), Carvalho (2021) e Gomes (2004), para citar parte do arcabouço teórico; e os preceitos de Ferreira (2015) e Chartier (2012), no que tange a metodologia eleita. No tratamento das fontes, verifica-se elementos da escrita epistolar como forma de educabilidade. Assim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos acerca da História da Educação, da História da escrita feminina e da História da Literatura Brasileira.

Palavras-Chave: Correio da Roça (1913); Clarissa (1933); escrita epistolar; dimensão educativa do impresso.

INTRODUÇÃO

Este estudo, fundamentado em duas pesquisas de doutorado concluídas, nas quais observaram-se as trajetórias intelectuais, bem como as bibliografias dos escritores Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e Erico Veríssimo (1905-1975), examina a dimensão educativa dos romances “Correio da Roça” (1913) e “Clarissa” (1933), a partir da observação da escrita epistolar contida nos impressos.

A escolha por esses autores para tratarmos a escrita epistolar se mostra fecunda ao refletirmos como cada um se utilizou do gênero para narrar uma história. Sob essa visão, tanto

¹ Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora pelo curso de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ, pacheco.gabrielle@uerj.br;

² Pedagoga da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutora pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mmichelerj@gmail.com;

³ Professora Assistente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Mestre pelo Curso de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, nathalia.gouvea@uerj.br.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

Júlia Lopes de Almeida, falecida na mesma década em que Veríssimo iniciava sua vida literária, quanto Veríssimo, recém contratado pela Editora do Globo, incluíram essa forma de escrita de si em suas obras a fim de criar, em certa medida, uma sensação de proximidade emocional entre leitor e personagens.

Neste sentido, busca-se contemplar não apenas a notória atuação de Júlia Lopes de Almeida e Erico Veríssimo na literatura da primeira metade do século passado, mas também as estratégias narrativas por eles utilizadas na elaboração de seus romances. Para tanto, estabelece-se diálogo com os estudos de Telles (2012), Carvalho (2021) e Gomes (2004), que compreendem os estudos acerca da escrita feminina, dos intelectuais brasileiros, da escrita epistolar e, ainda, a fortuna crítica dos escritores em tela.

Consideram-se ainda as ponderações de Maria Lúcia Pallares-Burke (1998) que alertam-nos para o potencial educativo da imprensa e até de meios de comunicação modernos por conterem um “currículo oculto que dissemina e organiza informações, cria valores, atitudes e ideias sobre uma multiplicidade de temas e, pois, quer queiram ou não, influenciam seus leitores, ouvintes e espectadores” (p. 145). No caso dos romances, notadamente de valor formativo, essa dimensão educativa fica mais evidente.

Muito embora não tenha exercido o magistério como muitas de suas contemporâneas, a bibliografia de Júlia Lopes de Almeida é permeada por textos que compreendem formas de educabilidade, especialmente para as mulheres, notabilizando a dimensão educativa de seus discursos, já que aborda temas em voga para as mulheres de seu tempo, tais como a educação e o trabalho. O mesmo ocorre em “Clarissa”, em que aspectos do cotidiano são revelados através das cartas trocadas entre a personagem e seus familiares, uma perspectiva comum à vida das jovens que tinham no seio familiar uma referência basilar.

Angela de Castro Gomes explicita diversos aspectos da escrita de si em “Escrita de Si, Escrita da História” (2004), obra da qual foi organizadora. Em seu prólogo, a historiadora chama atenção ao fato de haver crescente interesse por esse gênero de escritos biográficos e autobiográficos ao longo dos últimos séculos e defende que tal fato se dá por conta da transformação do conceito de “cidadão moderno, dotado de direitos civis (no século XVIII) e



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

políticos (no XIX)” (Gomes, 2004, p. 11); e as diversas consequências que a constituição desse individualismo moderno traz para a “incorporação de novos objetos à sua prática historiográfica” (p. 14).

De acordo com o estudo de Gomes (2004), a escrita epistolar é uma das possíveis escritas de si. A escrita de correspondência permeia “a construção de novos códigos de relações sociais de intimidade” e “constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto.” (p.24) E é esse sujeito, ou melhor, esses sujeitos, que vão estabelecer as relações, a interação entre os indivíduos.

Destarte, pensar “Correio da Roça” (1913) e “Clarissa” (1933) e a escrita epistolar contida nas obras requer uma apreciação deste modo de escrita de si, estabelecida a partir desta relação, que nos parece indissociável, em certa medida, entre os sujeitos - Júlia Lopes de Almeida e Erico Veríssimo.

METODOLOGIA

Este texto fundamenta-se na História Cultural, já que toma impressos não-oficiais como fontes potentes para a investigação histórica (Bloch, 2001), neste caso, os romances. As fontes utilizadas são as obras citadas, além dos excertos localizados na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), que se referem, sobretudo, aos anúncios e indicações dos livros.

A metodologia eleita para o presente estudo ancora-se nos pressupostos extraídos da História do Livro, notadamente nos preceitos de Chartier (2002); na conceituação da literatura como fonte histórica, através dos estudos de Ferreira (2015); além de Burke (2011), ao desvelar a ótica do cruzamento de fontes, a fim de se evitar o anacronismo e a tomada de determinados vestígios históricos como monumentos.

Procurou-se manter sem alterações ortográficas ou sintáticas as citações das fontes documentais consultadas devido ao entendimento de que a linguagem da época não dificulta a compreensão dos textos.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Escritora de “mão cheia”⁴, Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) atuou em diversas frentes, produzindo gêneros variados, a saber: romances, livros para uso infantil/escolar, crônicas, contos, manuais, peças teatrais e uma novela. Sua bibliografia soma mais de 30 volumes e sua ampla atuação na imprensa brasileira - para além da colaboração com alguns periódicos internacionais - lhe garantiu um lugar de destaque na *intelligentsia* brasileira do começo do século passado.

Júlia Lopes destacou-se por ter vivido da pena, especialmente pelos lucros obtidos com sua obra romanesca. Indica-se que os ganhos com as tiragens da 1ª edição de “Cruel Amor” (1911) permitiram que a família Almeida cumprisse viagem a Paris, em 1925. (Eleutério, 2005). Ademais, é com o sucesso de “A falência” (1901) que a escritora financia a compra do casarão onde viveu com o marido e os filhos em Santa Teresa, bairro central da cidade do Rio de Janeiro, no início do século passado. (Telles, 2012).

Revela a historiografia da escritora que “Correio da Roça” integra, ao lado de “A árvore” (1916) e “Jardim Florido” (1917), o chamado “apostolado rural” da escritora - fase de sua escrita em que a natureza e a mata, tal qual em “Correio da Roça”, recebem destaque. Em linhas gerais, as narrativas defendem a integração das mulheres à natureza de forma prática, ao sugerir que plantem, cuidem e aprendam sobre a natureza que as cercam. Além disso, divulgam a necessidade de ler, estudar e escrever, atributos pouco comuns nas mulheres de seu tempo, especialmente quando pensamos nas menos abastadas.

Divulgado inicialmente sob o formato de folhetim⁵ em *O Paiz* (RJ) entre 1909 e 1911, “Correio da Roça” é publicado 2 anos depois. A seção “Guia da cidade” da edição vespertina

⁴ Em referência às palavras de Margarida Lopes de Almeida em Almeida (Almeida, 2015) e Maria Dimpina Lobo Duarte em *A Violeta* (Edição 209, 24/9/1933)

⁵ Dos 10 romances assinados por Júlia Lopes de Almeida, apenas 2 não foram divulgados inicialmente sob esse formato. Seja por estratégia editorial ou pela decadência do gênero (Broca, 1975), os folhetins foram pouco a pouco perdendo espaço nos jornais e foram substituídos por outros gêneros mais humanos – a crônica, a entrevista, a reportagem.

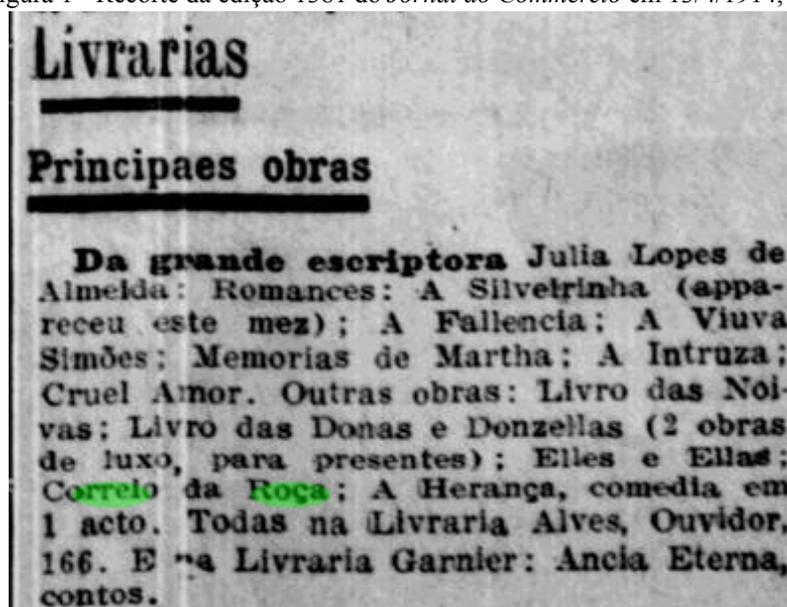


REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

do *Jornal do Commercio* (RJ) divulga, em números consecutivos, a venda do livro pela Francisco Alves, como evidencia a figura 1 a seguir:

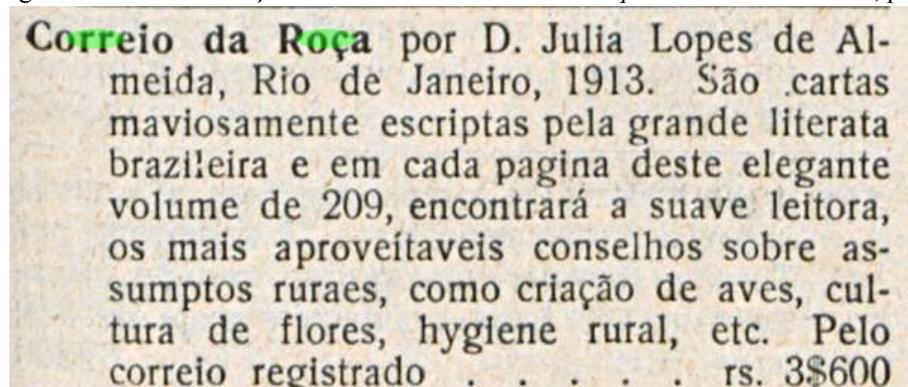
Figura 1 - Recorte da edição 1381 do *Jornal do Commercio* em 13/4/1914, p.3



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

O mesmo faz a revista *Chácaras e quintaes* (SP), onde a escritora também colaborou:

Figura 2 - Recorte da seção "Livros úteis" de *Chacaras e quintaes* em 15/11/1913, p.47



Fonte: Hemeroteca Digital da FBN

A narrativa em "Correio da Roça" se desdobra através da troca de cartas, especialmente entre as personagens Maria e Fernanda, cartas estas nas quais o campo é o cenário. Segundo a própria escritora, trata-se de uma coleção de ensinamentos oferecidos às



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

leitoras. No volume, Júlia Lopes de Almeida apresenta, através da figura de Fernanda, uma elucidação daquilo que considera aprazível para a educação das meninas, filhas de Maria: uma educação agrícola.

A própria Júlia Lopes, em sua coluna “Dois dedos de prosa”, faz referência às inspirações e propostas encontradas em “Correio da Roça”, naquele momento divulgado nas páginas do periódico *O Paiz*. Os trechos apresentados a seguir revelam a preocupação com uma educação para as crianças, bem como o manejo da vida no campo como uma atividade possível para as mulheres.

como beneficio a saude e ao espirito das crianças o estudo feito á sombra das arvores, em pleno coração da natureza, tenho de ha muito, na secção do Correio da Roça, descripto aqui com entusiasmo uma escola de fazenda (e oxalá que o exemplo se propagasse entre ellas!) em que a criançada aprende a ler num bosque de jaboticabeiras. (Da coluna “Dois dedos de prosa”, assinada por Júlia Lopes de Almeida em *O Paiz*, edição de 24/1/1911)

Se eu pudesse traduzir para o inglez a minha serie de cartas publicadas nesta folha, sob a rubrica - Correio da roça - mandal-as-hia agora ao congresso das lavradoras do Colorado, como um documento de utilidade comprovada pela correspondencia particular que taes cartas provocaram e que é, neste paiz de indifferentes, uma excellente prova da efficacia dessa especie de propaganda, a bem dizer indirecta. E' verdade que nessa correspondencia raramente figura um nome de mulher. Pouco importa, porque é já alguma coisa ter chamado a attenção de seus pais ou de seus maridos para assumptos que lhes dizem respeito e em que ellas podem servir magnificamente de collaboradoras. (Da coluna “Dois dedos de prosa”, assinada por Júlia Lopes de Almeida em *O Paiz*, edição de 12/09/1911)

Já Erico Veríssimo, entre os anos de 1933 a 1940, escreveu romances cuja personagem principal e recorrente era a normalista, professora e leitora Clarissa. O primeiro romance sobre a jovem Clarissa foi escrito, segundo o próprio autor, em “quinze tardes de sábado e uma boa dúzia de domingos, feriados e dias santos” (Veríssimo, 2005a, p. 12), demonstrando como seu início de carreira foi conturbado, mesclando suas atividades na Livraria e Editora do Globo e sua dedicação às histórias narradas em seus livros.

Veríssimo escreveu os quatro livros⁶ em que a personagem Clarissa aparece em um espaço de 8 anos, sempre conjugando o trabalho na Livraria e Editora do Globo. A história da

⁶ Clarissa (1933), Música ao Longe (1935), Um lugar ao Sol (1936) e Saga (1940).



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

menina Clarissa foi uma oportunidade para o escritor que procurava se “aproximar mais da vida, fugindo aos fantoches e ao seu universo de papel pintado” conforme ele mesmo afirma no prefácio reeditado do romance “Música ao Longe” (Veríssimo, 1981, Prefácio). Considera ainda o autor, a influência de outras leituras que deixaram “ressonâncias” as quais o levaram a escrever “Clarissa”. Para Veríssimo, “se cavoucarmos mais fundo nos alicerces desta novela, talvez encontremos, na sua base, doces lembranças da Clara d’Ellebeuse, de Francis Jammes” (Veríssimo. 2005a).

O escritor baiano Jorge Amado, em coluna do periódico *Diário da Manhã* (PE), afirma: “É deliciosa a historia de Clarissa, que o sr. Erico Veríssimo narra nessa novella que sahiu numa *Collecção Globo* entre livros policiais e livros de aventuras” (Amado, *Diário da Manhã*, 26 de ago. de 1934, p. 13). Entre críticas à coleção de livros escolhida para abrigar a obra e reflexões acerca da “bravura gaúcha”, Jorge Amado define que Erico Veríssimo “realizou completamente a sua novella”, chegando mesmo a “commover a gente, o desgraçado...”.

Outro periódico a dedicar uma coluna à novela em tela foi o *Boletim de Ariel* (RJ), no qual se afirmava que a história de Clarissa é apresentada “numa graciosa edição da Livraria do Globo”, e que não deveria ser “abandonada por Erico Veríssimo, um escriptor que, desde já, tem um lugar seguro nas nossas letras” (*Boletim de Ariel*, jan. de 1934, p. 92). Já o jornal *A Federação* (RS), em coluna dedicada a literatura, oferece aos leitores o primeiro capítulo da novela de Erico Veríssimo e informa: “Este nome, que tem gosto de sol, é o título da novela de Erico Veríssimo que a Livraria do Globo está editando” (*A Federação*, 14 de set. de 1933, p. 2). Continua explicando que o texto foi escrito “dentro de uma tecnica nova, inteiramente pessoal” (*A Federação*, 14 de set. de 1933, p. 2).

Gomes (2004) reitera que a escrita epistolar é “uma prática eminentemente relacional e, no caso das cartas pessoais, um espaço de sociabilidade privilegiado para o estreitamento (ou o rompimento) de vínculos entre indivíduos e grupos” (p. 24). Neste sentido, a escrita epistolar em “Correio da Roça” e “Clarissa” funciona como uma forma de estreitamento da



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOSTEMPOS EDUCATIVOS

relação entre autor e escritor, haja vista a popularidade do gênero - *escritas de si*⁷ - no entresséculos (XIX-XX) e no começo do século passado.

Em seu estudo acerca do romance epistolar, Lajolo (2002) especula sobre as “relações entre gêneros literários e usos sociais da linguagem”, ao observar uma construção literária que “vai, ao mesmo tempo mimetizando & apagando a mimese das situações que inspiraram sua produção” (p. 63). A partir dessa reflexão, podemos perceber que a literatura epistolar também tem um outro aspecto de educabilidade, o de demonstrar as convenções e fórmulas do gênero tão usado desde “a datação, o tratamento, as despedidas e a assinatura”, até a linguagem (Gomes, 2004, p. 20-21).

Desta maneira, entende-se que a presença das cartas não apenas produz efeito “acolhedor”, mas também opera como uma estratégia para disseminação de determinados preceitos, como é o caso de narrativa de Júlia Lopes de Almeida; ou para evidenciar determinados aspectos da vida em sociedade, notadamente expressos no texto de Veríssimo. A este respeito, Gomes (2004, p.21) endossa “o discurso das correspondências privadas é um espaço preferencial para a construção de redes e vínculos que possibilitam a conquista e manutenção de posições sociais, profissionais e afetivas”.

|As cartas trocadas entre Maria, recém enviuvada e mãe de 4 filhas, que passa a residir em uma fazenda abandonada no campo, e a amiga Fernanda, que mora no Rio de Janeiro, fazem alusão a aspectos que a literatura sobre Júlia Lopes de Almeida sublinha acerca de sua narrativa: a presença constante da apologia ao trabalho e ao crescimento pessoal da mulher por meio da educação.

É através dos conselhos da amiga da cidade grande que Maria vai, aos poucos, desenvolvendo as atividades na fazenda ao lado das filhas. Já nas primeiras cartas endereçadas à Maria, Fernanda sugere que não se pode estagnar:

Impõe a cada uma das tuas filhas uma tarefa diferente, que a agite, que a obrigue a andar ao sol, ao vento, à chuva; observa que elas entrem para o seu trabalho com o corpo e a alma; que tenham os seus livros de assentos bem organizados
(...)

⁷ Compreendem, neste sentido, as cartas e os diários. Sobre estes, Cunha (2017) aponta que seriam eles uma espécie de “refúgios do eu”.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

obriga tuas filhas a lerem os jornais todos os dias, sem desprezo por certas notícias que não se relacionarem com o nosso meio e perceberás que terão muito a lucrar com isso. (Almeida, 2014, p. 30-31)⁸

Apesar da resistência à vida no campo e do desânimo de Maria, que se interessa, em um primeiro momento, pelas fofocas do círculo social em que vivia, os ensinamentos da amiga Fernanda são acolhidos por ela, que entende, por fim, que o trabalho é o remédio “para todas as agonias e deslalecimentos morais” (Almeida, 2014, p.75).

É extraordinário como em noventa dias se possa transformar assim a vida de um lar! A nossa casa já não parece a mesma: está agora sempre cheia de música e de cantos, influência do amor e do trabalho - essas duas fontes de perene beleza e de felicidade suprema. (Almeida, 2014, p.108)

Na escrita de Erico Veríssimo, muitos foram os recursos e técnicas empregados para que suas obras não se resumissem a um relatório histórico, e as cartas se mostraram um elemento de grande importância, pois auxiliavam o escritor a compor o íntimo das personagens, além de introduzirem questões históricas e sociais na narrativa, apresentando-se como recurso garantidor de coesão. Era por meio da escrita epistolar que o autor revelava o caráter, a índole e as intenções de suas personagens.

Na novela “Clarissa”, as cartas são trocadas entre mãe e filha, e servem para diminuir a saudade que a protagonista sente toda vez que precisa se afastar de casa para estudar e se preparar para se tornar professora, além de introduzir apontamentos sobre os problemas sociais da época, a década de 1930. Não raro, a mãe da jovem Clarissa se mostra preocupada com os símbolos urbanos - automóveis, bondes e cinemas, novidades tecnológicas do início do século XX. Já as cartas de Clarissa para os pais demonstram a preocupação da jovem em praticar aquilo que aprendeu na escola, procurando empregar a língua portuguesa corretamente.

⁸ Neste trabalho utiliza-se a edição de 2014 de “Correio da Roça”, publicada pela Editora Mulheres.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como bem salienta Ferreira (2015), a literatura tomada como fonte histórica pode indicar uma representação coletiva de determinado espaço-tempo. Isto posto, podemos pensar em “Correio da Roça” como um retrato da sociedade da época, quando o cotidiano no campo⁹ era pouco valorizado; ou ao menos como uma imagem sugerida por Júlia Lopes que muito se empenhou em disseminar o valor da educação e trabalho femininos.

Acredita-se que Erico Verissimo recorre às cartas em seus romances a fim de apresentar de forma espontânea as reações subjetivas das personagens. O escritor procura aplicar na sua obra técnicas que sirvam para sustentar a trama e fortalecer a verossimilhança; entre estas, o método epistolar se mostra ao lado do entrecruzamento de perspectivas, do fluxo de consciência, da preocupação com questões sociais do regionalismo, e do impacto de grandes eventos históricos sobre personagens comuns. Na obra de Erico Verissimo a epístola surge em certos momentos para nos revelar o que há de mais secreto na vida íntima das personagens. Em outros, apresenta-nos sinais importantes para a compreensão do contexto histórico representado, como evidenciado em “Clarissa”.

Assim, os leitores destes romances assumem a posição de voyeur/euse (Lajolo, 2002) que, na prática da leitura, podem acompanhar no artifício epistolar “as suas dimensões pedagógicas, outra forma de falar [...] das dimensões ideológicas desses romances pioneiros” (Lajolo, 2002, p. 74). Neste sentido, a tomada das cartas como uma via de formação educativa do leitor muito se converge com a própria tomada dos romances como representação coletiva de um determinado tempo.

Partindo do princípio de que não é possível esgotar todas as possibilidades de análise dos impressos selecionados, entende-se que este estudo pode lançar luz a alguns aspectos que, em razão das opções feitas, deixaram de ser observados ou merecem olhares mais refinados,

⁹ A este respeito, Molina (2019) indica que a educação no meio rural só foi legislada de forma mais igualitária na História recente do Brasil, a partir da década de 1990. À época de “Correio da Roça”, a educação no campo estava destinada aos futuros herdeiros das fazendas, que gerenciariam as terras e os empregados. Aos trabalhadores do campo, era destinada a educação primária, muitas vezes oferecida “em comunidades jesuíticas e católicas, penitenciárias e orfanatos de aprendizados agrícolas” (p.468)



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

em paralelo à discussão acerca do que foi possível realizar. Por fim, espera-se que este trabalho contribua para os estudos que privilegiam a escrita epistolar, a escrita feminina, a História da Literatura Brasileira e a História da Educação.

REFERÊNCIAS

A FEDERAÇÃO, Rio Grande do Sul, 14 de set. de 1933, p. 2.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Dois dedos de prosa. In *O PAIZ* edição 09837, 12 de setembro de 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. Dois dedos de prosa. In *O PAIZ*, edição 09607, 24 de setembro de 1911.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Correio da roça*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2014.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. *O funil do diabo: romance*. Organização e introdução Zahidé Lupinacci Muzart;. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.

AMADO, Jorge. Diário da Manhã. Pernambuco, 26 de ago. de 1934, p. 13.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLETIM DE ARIEL, Rio de Janeiro, jan. de 1934, p. 92.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 3a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinote: um projeto para a "petizada" brasileira (1936-1949)*. 2021. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CHÁCARAS E QUINTAES. São Paulo, edição 8, 15 de novembro de 1913.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo - 2ª ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.



REDES

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL
AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS
TESSITURAS DE SOLIDARIEDADE E DE CONVIVÊNCIAS
NOS DIFERENTES ESPAÇOS TEMPOS EDUCATIVOS

CUNHA, Maria Teresa Santos. *Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro*. Revista Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007.

DUARTE, Maria Dimpina Lobo. Crônica. In *A VIOLETA*: orgam do Gremmio litterario Julia Lopes. Cuiaba, edição 209, 24 de setembro de 1933.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. *Vidas de romance: as mulheres e o exercício de ler e escrever no entresséculos (1890-1930)*. Rio de Janeiro: TopBooks, 2005.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; De LUCA, Tânia Regina. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015. p.61-91.

GOMES, Angela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, edição 1381, 13 de abril de 1914.

LAJOLO, Marisa. *Romance epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores*. Rio de Janeiro: Matruga, v. 1, n. 14, p. 61-75, jan-dez. 2002.

MOLINA, Rodrigo Sarruge. História da Educação Agrícola no Brasil: educação do campo versus educação ruralista | The History of Agricultural Education in Brazil: Countryside education versus landholder education. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 463–476, 2019.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. In: São Paulo: *Cadernos De Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), n. 104, p. 144–161, jul. 1998.

TELLES, Norma. *Encantações. Escritoras e Imaginação Literária no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2012.

VERÍSSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERÍSSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*, Vol. I. 20 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005 (a).